

ABRUC – Vilmar Thomé, presidente da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias, não concorda que seja pequena a adesão dessas instituições às políticas públicas já existentes. Segundo ele, eram oferecidos ao segmento até pouco tempo editais de pesquisa e de *stricto sensu*. Sendo que esses editais, muitas vezes, vinham com exigências que acabavam por excluir as Ices dos processos. Cita como exemplo um edital da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos) publicado há poucos anos, sendo que um dos critérios para os concorrentes era ter nota 6 ou 7. “Só que 90% das comunitárias não têm essas notas”, justifica o dirigente. “Depois de muito trabalho, saiu uma segunda versão do edital exigindo doutorado para quem tivesse interesse em concorrer. Ou seja, alargou o espectro real”. Sobre o Projeto de lei 7.639/2010, Thomé comenta que ele não é um fim, e sim um meio para que os alunos das universidades comunitárias tenham direitos como a assistência estudantil, e que as Ices possam ser contempladas com mais editais de desenvolvimento de pesquisa, de extensão, assim como programas de bolsas. De acordo com Thomé, o Pibid e o Parfor já representam avanços neste sentido, conquistas decorrentes da articulação do setor em busca de maior participação junto a financiamentos federais: “Até um tempo atrás nós não podíamos acessar o Pibid. Agora o programa está à disposição do segmento, mas, ainda assim, não podemos obrigar que todas as universidades acessem ao programa”.

ADESÕES – Segundo o presidente da Abruc, praticamente todas as comunitárias gaúchas têm Fies como programa de financiamento, “o que muda é o volume”, ressalta. Entretanto, ele avalia que essa adesão seria maior se o sistema

estivesse funcionando de forma adequada. Ainda não há um fluxo contínuo para o aditamento dos contratos, a emissão de títulos e recompra desses títulos, transformando os títulos em dinheiro. “Esses valores estão represados desde o segundo semestre de 2010, e os repasses não estão ocorrendo na velocidade esperada”, explica. Considerando que nos últimos meses o MEC/FNDE vem agilizando o sistema, Thomé espera que no primeiro semestre de 2012 o sistema já esteja regularizado e assim aumente a adesão por parte das comunitárias: “Mas isso é uma decisão particular, cada reitor ou reitora precisa avaliar”. A última vez que Thomé consultou a página do MEC, era 150 o número de contratos Fies, sendo que a maior parte desses contratos é de universidades comunitárias, garante. Outro programa considerado excelente e muito almejado pelas Ices, conforme o dirigente, é o Pibid, concedido a alunos de cursos de licenciatura e para coordenadores e supervisores escolares. O primeiro edital exclusivo às comunitárias foi lançado em 2010, e 30 universidades tiveram seus projetos aprovados. “Seriam mais se tivessem mais vagas”, acrescenta. O mesmo interesse, entretanto, não ocorre com relação ao Parfor (Plano Nacional de Formação de Professores), onde um dos objetivos é formar o professor em exercício na Educação Básica e que não possua nenhuma graduação. Segundo Thomé, grande parte das instituições não aderiu ao Parfor porque discordam da forma de pagamento dos professores das Ices que trabalham na plataforma. Ele próprio foi alertado pelo setor financeiro da Unisc, onde é reitor, sobre os riscos trabalhistas, mas continua disponibilizando vagas Parfor porque acredita que o sistema de bolsa já é consagrado no Brasil.

Realmente comunitária

Hoje o Parfor da Unisc tem três turmas do curso de Pedagogia, cada uma com 30 alunos, e já existem 26 alunos matriculados para o curso de Geografia, na mesma modalidade, mas ainda faltam quatro para formar uma turma. “São aulas presenciais e riquíssimas,” comenta a coordenadora do curso de Pedagogia, Susana Speroni. Ela comenta que os professores que ministram as aulas dentro do programa sentem-se especialmente recompensados por trabalhar com estudantes que já estejam trabalhando em sala de aula e valorizam a oportunidade da formação superior. Por isso, Susana avalia que a evasão seja tão baixa, dos 150 matriculados, 148 chegarão à formatura. No total, são 300 alunos matriculados na Pedagogia, dos quais 30% tem financiamento Fies e cem são alunos Pibid, além dos beneficiados com o Parfor. Há 20 anos no magistério superior, e 15 na Unisc, Susana desenvolveu em seu trabalho de doutorado um estudo sobre as universidades comunitárias. Ao avaliar a adesão desse segmento às políticas públicas de inclusão ao Ensino Superior ela considera que “essa diferença tem a ver com a própria concepção de cada instituição do que venha a ser uma universidade comunitária”, salienta. Para a professora, quanto mais comunitária é uma universidade “mais ela se esforça por aderir – mesmo com incertezas – às políticas públicas, porque considera melhor forma de consolidar-se institucionalmente”.



FRAGA

Batalha verbal

Estamos em plena *War*.

O campo de batalha é um vasto verde. Não há estratégia: de lado a lado avançam hordas de adversários, até as fileiras ficarem frente a frente, homem a homem.

Um pouco mais atrás, nas colinas, os batalhões de vozerio fazem rufos e arrufos. Imitam tambores com a boca, um ri-bombar que troa nos ares. Assim incentivam uma cadência única, que segue para afrontar o inimigo.

Como mudos e tartamudos não podem travar qualquer embate, são eles que ficam a postos como socorristas: carregam salmoura para gargarejos e bornais com figuras de linguagem, para renovar a munição de algum soldado. Suas macas estão prontas para quaisquer perdas.

Agora os exércitos já estão ao alcance dos disparos verbais. Ambos os lados, mãos em concha, miram nos tímpanos uns dos outros. E começa o bombardear de palavras.

A alguns metros do inimigo, cada soldado escolhe um alvo e passa a proferir ofensas e insultos na direção dele. No ar, em conjunto, ouvido de longe, é uma balbúrdia incompreensível, trovejante e assustadora. De perto, são nítidas e pontiagudas ameaças em meio à gritaria geral.

Lá e cá, os soldados estão bem-armados, retóricas afiadas, discursos de impacto, impropérios ensurdecedores. E os efeitos logo surgem: soldados caem com as mãos nos ouvidos, atingidos em cheio por palavras ferinas. O campo vai ficando coalhado de gente abatida, orelhas feridas por vocabulário potente.

E assim a batalha segue por horas, agressões terríveis de grosso calibre, até que se definem as forças em luta. Um dos exércitos bate em retirada, perseguido por ensurdecedores vitoriosos. Esta batalha campal acabou, prisioneiros são feitos, territórios serão anexados.

A seguir, generais e marechais das Palavras Armadas dão lugar a outros figurões de outro tipo de enfrentamento, na quietude dos ambientes do poder: os diplomatas se encontram e aí, com palavras macias que jamais irão machucar alguém, ajustam os termos de rendição.

Durante séculos tem sido assim: nada de sangue derramado, nenhum morto, só a paz imposta pelo barulho, que dá lugar ao silêncio e sossego por outras dezenas de anos. Até a próxima batalha.

Até que a tecnologia chega a uma das regiões em disputa com as demais e o imperialismo ganha um poder de fogo jamais visto: nenhuma palavra precisará ser dita, daqui em diante as mãos decidirão o futuro das tribos.

Estava inventado o tacape. E o resto, sabemos nós, foram derivativos.

